

NUNO TIAGO PINTO

HERÓIS CONTRA O TERROR

**MÁRIO NUNES, O PORTUGUÊS
QUE FOI COMBATER
O ESTADO ISLÂMICO**

PREFÁCIO DE

Rui Cardoso Martins

v o g a i s

A manhã de 3 de Julho de 2016 foi quente até para os exagerados critérios do cemitério de Portalegre. O caixão era triangular no alto, como um pequeno celeiro de tábuas de pinho. Mário Nunes, de 22 anos, foi sepultado a mais de cem metros do Talhão dos Combatentes, sem qualquer homenagem militar, ou telegrama oficial, nem sequer uma palavra de condolências enviada à família pelas Forças Armadas Portuguesas, onde este servira.

Mário Nunes foi, no entanto, um bravo soldado português, o primeiro a alistar-se para lutar — e o primeiro a morrer — contra a mais sinistra e diabólica organização terrorista do mundo.

Estava a família, estavam amigos voluntários europeus que o conheceram nos terrenos de combate na Síria e Iraque, e mais alguns de nós que quiseram vir à despedida derradeira de um rapaz extraordinário, morto dois meses antes em Rojava. Na cerimónia, o padre Marcelino disse duas coisas que resumem os actos de Mário Nunes neste escorregadio princípio de milénio:

Todos sabemos porque estamos aqui. Se não fosse a guerra, o terrorismo, a perseguição religiosa, não estaríamos aqui.

Porque o que motivou Mário Nunes foi um imperativo moral, uma decisão ponderada contra uma barbaridade inqualificável (e o livro que vão ler tem tantas provas dessa consciência). Dito de forma ainda mais simples pelo padre Marcelino:

«Os que não desistem diante do mal.»

Dizem que a verdade é a primeira vítima da guerra. Mas são as pessoas. A primeira virtude de *Heróis Contra o Terror* é conseguir caminhar com segurança, sem medo, na procura da verdade. O que se passou no terreno e também dentro da cabeça de Mário Nunes desde o dia em que decidiu abandonar a Força Aérea — onde servia às mesas — e ir combater o *jihadismo* mais radical de armas na mão, voluntário das milícias curdas *Leões de Rojava*. Como é que foram feitos os primeiros contactos com o alegado desertor? Com muito rigor jornalístico e histórico, Nuno Tiago Pinto consegue explicar-nos o contexto geográfico e temporal em que surgiu o chamado Estado Islâmico, a situação actual da guerra e o que está em causa no futuro. Porque o destino que Mário Nunes escolheu enfrentar poderia ser, se não fossem homens e mulheres como ele, o destino de todos nós. Há muitos exemplos: ser queimado vivo numa jaula; ou afogado; ou degolado como um bicho; ou transformado em espectáculo de televisão e da internet; ou as rapariguinhas vendidas nas praças das cidades como escravas sexuais; é todo o horror fanático islâmico que se banalizou. Ficámos tão fartos de ver que já nem vemos.

Confesso que sou influenciado por critérios de proximidade. Não o conheci, mas Mário Nunes nasceu na mesma terra que eu, Portalegre, e partilhou alguns dos meus locais, recordações, caras. Há muitos anos, até cumpri (embora obrigado) a recruta na Força Aérea na Base da Ota, como ele. Mas a minha maior proximidade com Mário Nunes está, por assim dizer, no respeito pelo seu gesto. Não quero forçar comparações literárias, mas não estará muito longe do dever que levou o escritor George Orwell a ingressar nas Brigadas

Internacionais da Guerra de Espanha, nos anos 30 do século xx. Ou de Ernest Hemingway que, uma década depois, entrou como correspondente de guerra na invasão da Normandia e acabou de espingarda na mão a expulsar os nazis, na libertação de Paris. Foi o próprio Mário Nunes a colocar a questão directamente, na série de entrevistas que deu a Nuno Tiago Pinto, na revista *Sábado*, meses antes do fim. A entrevista de Setembro de 2015 é notável: «Eu e os outros voluntários escolhemos combater para ajudar. Preferíamos morrer ou sermos feridos a não fazer nada.» Quando o jornalista lhe pergunta se «pegar numa arma para ajudar o mundo a ser um lugar melhor não é um bocado contraditório», Mário responde: «Não. Um processo de paz e sanções não teria impedido os nazis de conquistar a Europa. Alguém tem de passar das palavras aos atos.»

Isto é, contra a tirania, pela liberdade. Ele e os outros estrangeiros que são entrevistados neste livro são o *anti-mercenário*: tantas vezes, pessoas pobres que pagam a viagem do próprio bolso.

E já que chegámos a este ponto num livro tão emotivo e concreto, pego numa frase de Svetlana Alexievitch (a Nobel da Literatura de 2015), que no livro *A Guerra Não Tem Rosto de Mulher* (ed. Elsinore), curiosamente sobre as mulheres que batalharam contra os nazis na II Guerra, faz «a pergunta de Dostoiévski: quanto homem há no homem, e como defender esse homem em si mesmo? Não há dúvida de que o mal é sedutor. É mais sofisticado do que o bem.»

Aquí, relembramos um jovem português que escolhe o lado do bem. Que é respeitado pelos camaradas de armas, que é filmado num combate em que salva um companheiro. Um Mário Nunes que obedece a ordens da sua comandante curda, uma mulher, impagável exemplo de igualdade e um desafio extraordinário na cara dos assassinos para quem as mulheres não têm direitos. Um jovem que nos diz que «todos temos um dever para com o mundo» disposto a «dar o sangue contra as pessoas más». Alguém que respeita os mortos, e fala

com pudor dos corpos dos inimigos que matou. Um jovem que sofre, finalmente, a extrema depressão do combate e dos tempos mortos da guerra, que alguém descreve como «90 por cento tédio, 10 por cento terror».

Até agora, não falei dos canalhas portugueses, ou de ascendência portuguesa, que saíram antes de Mário, mas para matar do lado do exército dos *ihadistas*. Os que sonham com o regresso do Al-Andalus, mas um novo e sangrento, um de Terror. Desses nem lhes digo o nome. Se um dia vierem por aí, como sonham, haverá outros Mários Nunes no caminho.

Convido-vos agora a seguirem dois belos exemplos de perseverança: Mário Nunes, que morreu a lutar pela liberdade, e Nuno Tiago Pinto, que nos conta essa história.

Rui Cardoso Martins

Nota: Por decisão pessoal, o autor do prefácio não escreve segundo o novo Acordo Ortográfico.

PRÓLOGO

«ELE NÃO ESTÁ A RESPIRAR»

Tell Tamer, Síria, 3 de maio de 2016.

O militar entrou num antigo estábulo que servia de instalações à unidade de Mário Nunes e viu o português estendido no chão. Gritou lá para fora:

— Depressa, o Kendal caiu.

Um outro voluntário percorreu os cem metros que separavam a base onde os militares estavam instalados do edifício ocupado pela Unidade Médico-Tática para transmitir o recado urgente.

— Depressa, o Kendal caiu.

Sentado à mesa de refeições, Macer Gifford, o britânico responsável pela criação da equipa de assistência, levantou-se imediatamente.

— Cristo!

O dia estava quente em Tell Tamer, uma localidade do norte da Síria. O primeiro pensamento dos paramédicos foi que o camarada português poderia ter sofrido um colapso provocado por uma insolação.

— Rápido. O Kendal caiu, levem um *kit* intravenoso, rápido.

Brennan Phillips, o chefe da unidade, estava ele próprio a receber um tratamento. Arrancou o cateter que lhe tinham colocado num

braço e foi procurar a mochila com o equipamento de primeiros socorros. Macer Gifford saiu para a rua para ligar o carro. Nessa altura viu outro militar a percorrer os cem metros de terra batida que separavam o seu acampamento da unidade de socorro, numa corrida desenfreada.

— O Kendal não está a respirar.

Primeiro, Macer Gifford ficou incrédulo:

— O quê? Não está a respirar? Foda-se.

Logo depois, reagiu:

— Vão dizer isso aos médicos que são mais qualificados do que eu.

Em seguida voltou a entrar no edifício e gritou para os paramédicos que acabavam de colocar o material nas mochilas.

— O Kendal não está a respirar. Despachem-se.

Brennan Phillips passou por ele a correr e dirigiu-se para o acampamento do português. Macer Gifford voltou a enfiar-se no carro, pensando que seria mais rápido. No entanto, um bloqueio montado nessa manhã obrigou-o a dar a volta à base. Demorou três minutos. Quando chegou ao destino, um grupo de pessoas aglomerava-se à volta de um celeiro. Mário Nunes estava lá dentro, caído no chão.

CAPÍTULO I

«UM MUNDO, UM POVO»

Sentado em frente ao computador portátil, Mário Nunes olhava para a página de Internet de venda de viagens aéreas. Faltava-lhe apenas clicar no botão de pagamento para ser emitido um bilhete só de ida, que tinha como destino final a cidade de Sulaymaniyah, no Iraque.

Há um mês que trocava mensagens via *Facebook* com os responsáveis pela página dos Lions of Rojava, um grupo que ganhara notoriedade no final de 2014 como uma espécie de porta-voz das forças curdas que infligiram a primeira grande derrota aos *ihadistas* do autoproclamado Estado Islâmico (EI), na longa batalha por Kobani, no norte da Síria: as Unidades de Proteção Popular (Yekîneyên Parastina Gel, YPG, em curdo).

Era janeiro de 2015. Mário Nunes era então soldado da Força Aérea Portuguesa (FAP). Estava colocado na Base Aérea N.º 11 (BA11), nos arredores de Beja. Tinha um quarto pequeno, com duas camas individuais, mesa de cabeceira e um armário. Nos quase dois anos que lá passou, fez do quarto a sua casa: comprou um frigorífico, micro-ondas, estantes para livros, uma aparelhagem e um plasma, onde via filmes descarregados da Internet.

Com o bilhete pronto para ser emitido, confirmou a rota uma última vez. Saiu de Lisboa em direção a Bremen, na Alemanha. Daí seguiria para Frankfurt, Doha, no Qatar e, finalmente, Sulaymaniyah. Preço total: 563 euros. «Era o mais barato. Recomendaram-me que não comprasse voos diretos porque podiam parar-me e fazer perguntas. Havia ligações da Alemanha e da Suécia para o Iraque, mas eram mais caras», conta¹.

Não seria a primeira vez que viajava para o Médio Oriente. Nem a última. Em outubro de 2014 decidiu ir passar férias a Istambul. Partiu sozinho, já com uma ideia em mente: juntar-se aos Peshmerga, as forças da região autónoma curda, no norte do Iraque. «Estava indeciso sobre se devia arriscar ou não. Enquanto estava na Turquia mantive o contacto com eles via *Facebook*, mas não tinha total confiança no que me diziam», conta. Ficou alojado num *hostel*. Foi lá que conheceu An Su In, uma sul-coreana que também estava de férias e que viria a tornar-se sua namorada. «Ficámos no mesmo *hostel*», diz.

Depois de duas semanas na cidade turca, tomou a decisão: perdeu o voo de regresso a Lisboa e comprou um bilhete só de ida para Erbil, a capital do Curdistão iraquiano. Levava apenas o contacto do homem com quem falava via Internet e a morada do ministério da Defesa.

Chegado ao Iraque, instalou-se num pequeno hotel de uma estrela. Em vez de ir imediatamente à morada que lhe tinham indicado, preferiu conhecer a cidade primeiro. Durante seis dias percorreu as ruas de uma das mais antigas metrópoles do mundo. Visitou a cidadela, que em 2014 foi declarada património mundial da UNESCO, perdeu-se no bazar Qaysari, um dos maiores mercados cobertos do Curdistão. Percorreu os parques Shanadar e Minarete, admirou a mesquita Jalil Khayat, que ocupa uma área de 15 000 metros quadrados e ainda os centros comerciais ao estilo ocidental. Passou despercebido. «Se não abrisse a boca, achavam que era curdo», diz. Foi nas ruas de Erbil que decidiu fazer uma tatuagem no braço esquerdo, em árabe. «Era o meu

estado de espírito na altura em relação ao mundo e às pessoas. Pedi para me traduzirem do inglês para o árabe», conta. A tatuagem dizia «um mundo, um povo». «Quando achei que tinha visto tudo, decidi ir ao ministério da Defesa dos Peshmerga», diz.

Ao sétimo dia em Erbil, saiu do hotel por volta das 11 horas e apanhou um táxi que o deixou na morada pretendida. Ninguém falava inglês. Repetiu sucessivamente a palavra «Peshmerga» até que, finalmente, entenderam o que queria. Levaram-no para o interior do edifício e deixaram-no junto a um guarda. Esperou quase uma hora. Depois levaram-no à presença de um general curdo. O militar falava bem inglês. «Disse-me “tenho orgulho em ti” e “fizeste uma coisa espantosa”. Elogiou-me, mas depois disse-me que não sabia se me podia juntar a eles e que tinha de esperar. Aguardei mais uma hora, até que chegaram uns tipos engravatados que me meteram num carro civil e levaram para uma espécie de base, onde me deixaram junto a outro guarda mais umas duas horas. Depois algemaram-me e levaram-me para um gabinete, sempre com a cabeça a olhar para o chão, porque era uma área reservada», recorda.

Chegado à sala, tinha duas pessoas à espera. A sua mala já lá estava. «Reviraram-me tudo o que estava lá dentro. Viram o meu passaporte, entraram-me no computador, pediram-me a *password* do meu *Facebook* e depois começaram a fazer-me perguntas: “Quem é o teu pai? Quem é a tua mãe? Quem são os teus tios? Quantos tios tens da parte da tua mãe? E da parte do teu pai? Como se chamam? Em que data nasceram?” Repetiram as mesmas perguntas várias vezes. Quando viram a minha carteira e encontraram a cédula militar, disseram que era uma coisa boa, que talvez fosse aceite mais facilmente. Perguntaram que arma usava e disse-lhes que era a G3.»

A meio do interrogatório retiraram-lhe as algemas. Ofereceram-lhe água e comida e foram falar com um superior. Quando regressaram, disseram-lhe que não se podia juntar naquela altura. «Foi um

balde de água fria. Nunca percebi porquê», diz. Enquanto esperava por um táxi, acabou por ficar à conversa com aqueles que o interrogaram. Falaram de Cristiano Ronaldo, de Lionel Messi e despediram-se. Nessa mesma tarde comprou um bilhete de regresso para Istambul. Dormiu no aeroporto à espera do voo e, uma vez chegado à Turquia, adquiriu uma passagem para Lisboa. «Gastei uma tonelada de dinheiro».

Recordou esses acontecimentos nos segundos que passou a confirmar os detalhes da viagem que lhe apareciam no ecrã do computador portátil. Faria bem? As coisas agora seriam diferentes? Olhou em redor e percebeu que tinha imensas coisas no quarto de que não ia conseguir desfazer-se antes de partir sem chamar a atenção. Depois, carregou no enter com convicção. Estava a caminho da Síria.

CAPÍTULO II

O SONHO

Mário Lopes Dias Vasques Nunes nasceu a 23 de janeiro de 1994. Natural de Portalegre, foi o primeiro filho de Mário, um militar da Guarda Nacional Republicana, e de Cristina. O casal foi viver para Sagres. Aos oito anos, com o divórcio dos pais, ficou a viver com a mãe e a irmã mais velha no Algarve. O pai pediu então a transferência de posto e foi colocado em Évora. Mário frequentou a Escola Secundária Júlio Dantas, em Lagos, onde completou o 9.º ano de escolaridade. O 10.º ano ficou a meio. «Ele entrou para um curso de secretariado e não gostava. Foi uma escolha errada», conta a irmã mais velha de Mário, Fátima Nunes¹. «Ele só se interessava por história, política e pelo que se passava no mundo», continua. Começou também a praticar artes marciais.

Ficou vários anos sem ver a família paterna. «Um dia, tinha 16 anos, telefonou ao avô a perguntar se podia vir a Portalegre porque tinha saudades dele e dos tios», recorda a tia Neide Soares². Voltou então ao Alentejo. «Viveu alternadamente na casa do avô e na do pai, que estava no segundo casamento. Mas a relação com a madrasta não era a melhor», recorda o tio paterno Manuel Nunes³. Foi com o progenitor e com os tios, também militares, que ouviu as primeiras histórias

sobre guerra e aprendeu os conceitos de honra e lealdade. «Nessa altura já tinha a ideia de entrar para uma força militar», lembra Neide Soares. Quando fez 18 anos, candidatou-se ao Exército e à Força Aérea Portuguesa (FAP).

A decisão não foi consensual na família. «Todos achámos que ele estava a queimar etapas na vida. Até porque todos lhe reconhecíamos uma enorme determinação quando se propunha a atingir um objetivo e, por isso, não lhe seria difícil terminar o ensino secundário, que era o que achávamos que ele devia fazer», afirma Manuel Nunes. «Mas ele não estava motivado para estudar. Senti que tentava compensar isso com a leitura desvairada de livros, principalmente sobre temas militares. E rebateu as nossas dúvidas com o argumento de que faria o secundário durante a tropa», continua.

O então adolescente acabou por ser incorporado na FAP a 2 de julho de 2012. Começou a viver no Centro de Formação Militar e Técnica da Força Aérea, na Ota, onde fez a recruta. Tornou-se o soldado Nunes. Tinha o número SHS 138187-D.

Desde pequeno que queria ser militar. «Foi a única coisa que realmente desejei. Apesar de o meu pai nunca me ter incentivado a ir para a tropa, ele fez com que o desejasse através das histórias que me contava. Queria ser como ele quando crescesse», recorda. A guerra fascinava-o. Tal como tudo aquilo que tinha a ver com a área militar. «Ele sempre adorou ouvir as histórias dos meus tios que estiveram na tropa. Queria ler os livros todos deles, ver os vídeos de recrutamento e tudo», confirma Fátima Nunes.

Após a recruta, teve uma primeira colocação no Comando da FAP, em Monsanto. Continuava a passar os fins de semana em Portalegre. Em 2013 foi transferido para a BA11, em Beja. Construída na década de 1960, a base ocupa uma área de cerca de 800 hectares e foi inicialmente uma instalação que permitia treino operacional à Força Aérea Alemã, no seguimento dos acordos bilaterais entre Portugal

e a então República Federal da Alemanha. Passou a ser de uso exclusivo da FAP após a não renovação do acordo Luso-Alemão, em 1993. A base inclui ainda uma zona residencial, integrada na urbanização da parte Sudoeste de Beja, composta por 330 habitações e outras instalações de apoio social⁴.

Mário Nunes ficou ao serviço na messe. Era empregado de mesa. Servia desde o Chefe do Estado-Maior da Força Aérea ao soldado normal. «A minha vida podia comparar-se à de um civil. A minha farda no dia a dia era camisa branca e calças pretas. Só vestia o camuflado algumas vezes por mês para praticar tiro», conta. Os horários variavam de semana para semana. «Normalmente tinha dois turnos. Uma semana de manhã, das sete às duas da tarde, e outra à tarde, das 11 da manhã às 8 da noite. O resto do dia era livre», continua.

Os colegas que com ele privaram — e que aceitaram falar apenas sob anonimato por estarem no ativo — descrevem-no como um indivíduo «calmo» e «pacato» que gostava de «passar as noites a beber e a ver documentários». Ao contrário de vários militares que alugavam casa em Beja, Mário Nunes ficou a viver na base para poupar dinheiro. Ganhava cerca de 600 euros por mês. Nunca chegou a ser promovido a cabo porque não frequentou os cursos de formação necessários para subir de patente.

Aos poucos, começou a ficar desiludido com a vida militar. «Ao fim de três anos senti que a Força Aérea já não significava muito para mim. A tropa está cheia de hipocrisia. Já não se cultiva o privilégio e a honra de se ser militar. Passou a ser um trabalho como os outros, com camaradas e superiores apenas interessados em se queixarem, apesar de todas as regalias. Um oficial ou um sargento dos quadros tem a vida feita. Mas apenas ouvia queixas de quanto a vida é difícil e memórias dos tempos em que recebiam mais. Na minha opinião, para ser militar, bastava ter um quarto, três refeições por dia, água quente e roupa lavada», diz. A irmã confirma essa desilusão: «Ele não

estava bem, não fazia o que gostava. Tenho cartas em casa em que ele escrevia sobre a Força Aérea e notava-se que não andava feliz.»

No verão de 2014, começou a seguir pela Internet as notícias de um grupo terrorista que conseguia conquistas assombrosas de cidades como Mossul, Fallujah e Tikrit, no Iraque. Chamava-se Estado Islâmico do Iraque e da Síria (ISIS). Os meios de comunicação social pareciam não falar de outra coisa. Sobretudo, a partir do momento em que a organização terrorista proclamou o seu domínio territorial através da instauração de um Califado Islâmico na região entre o norte do Iraque e o sul da Síria, e começou a decapitar reféns ocidentais. Sucediavam-se as notícias de mortes, execuções, crucificações, violações em série de mulheres e implementação da escravatura sobre minorias religiosas, como os yazidi, que foram forçados a abandonar a montanha Sinjar para escapar aos *jihadistas*. Mais surpreendente ainda foi a revelação de que existia um grupo de portugueses e luso-descendentes que se tinham juntado à organização terrorista.

Foi impossível ficar indiferente. «Custava-lhe muito ver as histórias das pessoas que perdiam tudo e eram obrigadas a deixar a vida para trás. A nossa família passou por isso. Os meus avós tiveram de deixar tudo em Angola. Nós ouvíamos as histórias dos nossos avós terem casa, empregada, animais, carros, tudo, uma vida boa que perderam por causa da guerra. O nosso avô contou-nos, emocionado, as histórias de terem de dormir debaixo da cama para não levarem tiros. O Mário gostava de ouvir estas histórias. E estas coisas dos cenários de guerra tocavam-lhe muito», lembra a irmã, Fátima.

Aos poucos, através dos *media*, Mário Nunes ficou a conhecer os Peshmerga — «aqueles que enfrentam a morte» —, as forças militares do governo autónomo do Curdistão iraquiano. Ao contrário do exército do Iraque, a milícia parecia bem organizada e capaz de enfrentar os *jihadistas* do autoproclamado Estado Islâmico (EI)⁵. E, no início do outono de 2014, os Peshmerga começaram a receber

os primeiros voluntários ocidentais⁶. Eram sobretudo ex-militares que já tinham cumprido comissões no Iraque ou no Afeganistão, mas também grupos de *motards* da Alemanha e Holanda⁷. O contacto não podia ser mais simples: era feito através da página dos Peshmerga no *Facebook*⁸, e esta fornecia todas as instruções⁹:

Para os voluntários ocidentais que querem juntar-se às tropas Peshmerga para lutar contra os terroristas do ISIS no Sul do Curdistão (iraquiano), isto é o que têm de fazer:

1. *Vão para Erbil. Há algumas companhias aéreas que voam para Erbil, será indicado um site no fim deste post. Há também um outro aeroporto em Sulaymaniyah. Podem comprar o visto nesses aeroportos.*
2. *Tragam a vossa bagagem básica e algum dinheiro para táxi, hotel, etc., até estarem numa unidade.*
3. *Não digam nada aos turcos sobre as vossas intenções se fizerem escala na Turquia; a melhor rota de voo será diretamente da UE [União Europeia] para Erbil [ou] comprem um bilhete do Kuwait ou da Jordânia.*
4. *O Iraque já não é um país, está dividido em três: Curdistão no Norte, EI no meio e Iraque xiita no Sul. Só o Curdistão é uma zona segura para ocidentais. O EI é uma zona proibida e as milícias xiitas ameaçarão quaisquer voluntários ocidentais [...]*
5. *Vão alistar-se como voluntários, o que significa que provavelmente não vão receber qualquer rendimento dos Peshmerga, apesar de as coisas poderem mudar no futuro.*
6. *Não partilhem os vossos planos com ninguém até chegarem a Erbil. Quando lá chegarem podem perguntar à polícia ou aos Asaish (forças de segurança), eles tratarão do resto e colocar-vos-ão num local onde provavelmente se irão juntar a outros voluntários ocidentais. A arma tem de ser comprada antes disto. Porque é que as armas e munições têm de ser compradas? Os Peshmerga têm poucas armas porque o Iraque instaurou um embargo de armas ao Curdistão desde 2007. Os EUA e os seus aliados*

não pressionaram para terminar o embargo até o EI atacar o Curdistão e o Iraque.

7. *É necessário que tenham algum background militar e uma desmobilização honrada.*
8. *Certifiquem-se mesmo que só vão para Erbil ou Sulaymaniyah, porque o Iraque está dividido em três. A estrada entre Erbil e Bagdade já não existe e só estarão seguros no Curdistão, não no resto.*
9. *Não é permitido trazerem a vossa própria arma, se forem apanhados, será fornecida uma.*
10. *Vão juntar-se como voluntários e por isso podem partir quando quiserem.*
11. *O Curdistão tem uma fronteira de 1 050 quilómetros com o EI. Estas são algumas das linhas da frente: Gwer, Alqush, Tel Kef, Daquq, Nawaran, Gubaiba, Shingal, Tal Afar...*

*Cumprimentos,
A Página dos Peshmerga*

No entanto, apesar da aparência de facilidade, a experiência de Mário Nunes com os Peshmerga não correu bem. Fez tudo como tinha sido pedido — comprou bilhete para Erbil, apresentou-se no ministério da Defesa — mas, por alguma razão, não permitiram que se alistasse. De regresso à Europa, «o sonho de fazer algo que marcasse a diferença» foi colocado de lado. Pelo menos durante algum tempo.

CAPÍTULO III

A VIAGEM

De regresso a Beja, Mário Nunes voltou à rotina normal na BA11. Servia na messe no horário de serviço e passava horas na Internet a seguir o que se passava na Síria. Poucos souberam que tinha estado em Erbil, prestes a desertar para lutar pelos Peshmerga.

Na época, os órgãos de comunicação social ocidentais começavam a prestar atenção ao avanço dos *jihadistas* do Estado Islâmico em Kobani, no norte da Síria, junto à fronteira com a Turquia. Na verdade, a ofensiva do autoproclamado califado tinha começado em julho. Mas em meados de setembro o EI lançou um ataque massivo para controlar uma região que estava, de facto, sob administração curda desde o verão de 2012. As consequências foram devastadoras. Só entre os dias 18 e 22 desse mês, o cerco do grupo terrorista à cidade, e povoações em redor, tinha levado mais de 130 mil pessoas a fugir para a Turquia¹. No total, mais de 400 mil atravessaram a fronteira em busca de refúgio, depois de os *jihadistas* começarem a impor a *sharia*, a lei islâmica, nas localidades conquistadas².

O avanço do grupo terrorista foi avassalador. O desastre humanitário iminente deu origem a inúmeros apelos para uma intervenção

ocidental na região a fim de apoiar os heroicos resistentes curdos. Os ataques aéreos da coligação liderada pelos EUA, os primeiros na Síria, começaram a 27 de setembro. Mas, apesar deles, os *jihadistas* continuaram a avançar e, no início de outubro, conseguiram tomar o estratégico monte Mistanour e entraram em Kobani. A 10 de outubro já controlavam metade da cidade³. Só foram repelidos pelas Unidades de Proteção Popular curdas, as YPG, graças ao aumento do apoio aéreo por parte dos Estados Unidos e à chegada de reforços através da fronteira com a Turquia, que autorizou a passagem pelo seu território de militares Peshmerga e de outros grupos que combatem o EI.

Ainda assim, a batalha foi longa. Durante quatro meses, curdos e *jihadistas* enfrentaram-se numa luta sem quartel. Nesse período, os *media* deram uma enorme notoriedade às Yekîneyên Parastina Jinê (YPJ), unidades das YPG compostas apenas por mulheres, que lutaram lado a lado com os homens na defesa de Kobani⁴. Descritas como soldadas ferozes, estas combatentes teriam, alegadamente, a capacidade de impor um enorme terror aos *jihadistas*, que acreditariam que não teriam um lugar no paraíso se fossem mortos por uma delas. Uma alegação que foi espalhada nos *media* ocidentais e que Fábio Poças, um dos portugueses que se juntou ao EI e que responde pelo nome de Abdurahman Andalus, classifica como «um disparate» e «propaganda curda»⁵.

Foi neste período que surgiu no *Facebook* uma página destinada a recrutar voluntários ocidentais para as milícias YPG. Chamava-se Lions of Rojava, um nome que enfrentava diretamente aquele pelo qual os *jihadistas* do EI na Síria e no Iraque se referem a si próprios: os Leões da *Tawhid* (a crença no Deus único). A página foi lançada em outubro de 2014 e era clara nos seus objetivos: «Juntem-se às Unidades de Proteção Popular (YPG) em Rojava, Síria. ENVIEM TERRORISTAS PARA O INFERNO e SALVEM A HUMANIDADE»⁶.

Em cerca de um mês, a página ultrapassou os 15 800 «gostos». Uma boa parte da sua notoriedade deveu-se a um dos primeiros ocidentais a juntar-se às YPG, o norte-americano Jordan Matson. Antigo soldado do exército dos Estados Unidos, natural do Winsconsin, Matson decidiu viajar para a Síria depois de ver as atrocidades cometidas pelos terroristas do EI. «Devido aos quase dois anos sem qualquer política externa para a região, nos quais essas pessoas ameaçavam cidadãos americanos e nos fizeram mal, acho que decidi que era suficiente e decidi vir para cá», disse em entrevista à CNN⁷.

Jordan entrou em contacto com as YPG pelo *Facebook* e viajou para a Turquia, de onde foi transportado para Rojava. Dois dias depois de chegar, foi ferido por estilhaços de morteiro durante um combate. E enquanto recuperava, começou a trabalhar para recrutar mais voluntários estrangeiros para a milícia curda através das redes sociais.

A sua fotografia tornou-se na imagem de perfil dos Lions of Rojava. E, na sequência das várias entrevistas que foi dando e dos inúmeros artigos que sobre ele se escreveram, a sua caixa de correio eletrónico começou a ser inundada por mensagens de pessoas que se queriam voluntariar. «Recebi contactos da Europa de Leste, Europa Ocidental, Canadá, Estados Unidos, Austrália, é só dizer. Têm-me perguntado. O EI ameaçou todos esses países que mencionei para incentivar a sua gente nessas nações e os veteranos dessas nações, que amam os seus países e não querem ficar sentados enquanto isto está a acontecer»⁸, disse.

A 23 de outubro, escreveu na sua própria página de *Facebook*: «Só quero manter-vos atualizados. Os Lions of Rojava têm uma grande quantidade de correio e estamos a tratar de recrutar mais pessoas fluentes em inglês para lidar com a carga de trabalho. Desculpem a demora nas respostas, mas eles estão a fazer tudo o que podem para receber todos aqueles que desejam fazer a viagem. Se demorarem

alguns dias a receberem uma resposta, certifiquem-se de que reen-viam a vossa mensagem.

Mais uma vez, nós apanhamos-vos quando chegarem à localização que vos derem. É uma viagem segura através do território curdo. Espero ver-vos em breve, irmãos.»⁹

A popularidade dos Lions of Rojava chegou também a Portugal. «Descobri-os num artigo da revista *Domingo do Correio da Manhã*. Depois fui pesquisar e comecei a acompanhar a página deles no *Facebook*. Percebi que havia estrangeiros a juntar-se ao grupo, vi as fotografias que colocaram e li as histórias deles», conta Mário Nunes. Ao ver a luta a acontecer, a vontade de arriscar voltou a crescer. «Dizia para mim, tenho que ir para lá», recorda.

Decidiu então entrar em contacto com os Lions of Rojava. Como a maioria dos voluntários, teve que esperar algum tempo pela resposta. Uma das primeiras informações que recebeu foi a seguinte: «Estas pessoas não podem vir para Rojava e juntar-se ao YPG: se tiverem doenças como diabetes, tensão alta, epilepsia, SIDA, dependência de drogas e todas as outras doenças que não estão aqui listadas; com mulher e filhos, deficiências, gays, lésbicas, racistas ou fascistas, menores, tatuagens extremas, criminosos, ladrões, assassinos, pedófilos, violadores, falta de experiência militar!!! Obrigado pela sua compreensão.»

Às vezes passava uma semana entre cada resposta. Quando lhe perguntaram se tinha experiência militar, respondeu que não. «Estava na Força Aérea, mas não percebia nada de infantaria. Não é o melhor sítio para aprender a ir para a guerra. Resolvi ser honesto», conta. Primeiro disseram-lhe para esperar. Depois, que podia ir. Só precisava de comprar um bilhete de avião.

Passou então a estar em contacto com um dos alegados administradores da página de *Facebook* dos Lions of Rojava, uma misteriosa mulher que usa na Internet o nome de Kader Kadandir. Sobre ela

não se sabe muito, apenas que foi o ponto de contacto de diversos ocidentais que se voluntariaram para combater o autoproclamado Estado Islâmico. «Ela deu-me números de telefone e nomes de contacto para quando chegasse a Sulaymaniyah, sempre pelo *Facebook*», conta Mário.

Durante várias semanas, preparou tudo em segredo. Escondeu os planos dos amigos e da família. Mesmo à namorada, que vivia noutra país europeu, só disse quando já tinha tomado a decisão, apesar de ela ter vindo duas vezes a Portugal nesse período de tempo. «Gosto de fazer as coisas discretamente. E também queria estar concentrado para depois não pôr em risco a minha vida e a dos outros», continua. À distância, a relação acabou por enfrentar várias dificuldades. «Andávamos em crise, e ir ou não ir seria a mesma coisa. Ela disse que, se eu fosse, acabávamos a relação, mas eu não mudei de ideias», recorda.

Naquela noite de janeiro de 2015 comprou o bilhete que tinha como destino final Sulaymaniyah. Marcou férias para o início do mês seguinte, para não levantar suspeitas na base. Só então contou a alguns amigos, com quem já falava sobre a possibilidade de se juntar à luta contra o EI. «Disseram-me para ter cuidado. Ainda lhes vendi algumas coisas discretamente», ri-se.

Na sexta-feira marcada, 6 de fevereiro de 2015, viajou para Lisboa. Estava no aeroporto quando um telefonema da namorada ainda o fez hesitar e ter algumas dúvidas sobre o que se preparava para fazer. «Ela começou a chorar e isso mexeu-me com a cabeça. Ainda vacilei, mas acabei por ir. Pensei: é isto que quero.»

Na bagagem levava apenas o essencial. Roupa civil, as botas militares, o computador portátil, objetos de higiene pessoal como pasta e escova de dentes, lâminas de barbear, baterias, pilhas e um livro do dinamarquês Sven Hassel intitulado *Os Carros do Inferno*, uma história de ficção baseada na experiência do próprio autor enquanto

soldado do exército alemão na II Guerra Mundial. A viagem durou dois dias. Depois de Bremen, Frankfurt e Doha, aterrou em Sulaymaniyah na segunda-feira seguinte. Era 9 de fevereiro. Estava de volta ao Iraque.

CAPÍTULO IV

ATRAVessar A FRONTEIRA

Depois de aterrar no Iraque, Mário Nunes percorreu de táxi os cerca de 15 quilómetros que separam o aeroporto de Sulaymaniyah do centro da cidade. Instalou-se num hotel e começou a tentar telefonar para o número que lhe tinha sido dado pela intermediária, Kader Kadandir. Durante um dia inteiro não conseguiu estabelecer qualquer contacto. Ninguém atendia. Chegou a temer que a viagem tivesse sido novamente em vão. «Ainda tentei comprar um cartão iraquiano numa loja de rua. Tive de preencher três papéis, todos em árabe, e assinar com a impressão digital. Mas quando meti o cartão no meu telefone ele deixou de funcionar. Era preciso ligar para a operadora para dar um código, mas nunca consegui fazer isso. Quando voltei a colocar o meu cartão português, deixou de dar», lembra. «Só funcionava com wi-fi, sem cartão».

Através do Skype conseguiu manter o contacto com Kader Kadandir, que lhe dizia para continuar a tentar. Ao segundo dia, teve sucesso. Assim que alguém atendeu, pediu aos funcionários do hotel para explicarem onde estava. Depois aguardou pela chegada dos responsáveis das YPG. Não sabia o que esperar, mas ficou surpreso quando finalmente teve à sua frente alguém da organização

à qual se ia juntar. «Era só um, vestido à civil», diz. Mais tarde percebeu porquê: «As YPG não têm autoridade no Curdistão iraquiano.»

O homem não falava inglês. Através de gestos pediu-lhe que o seguisse através das ruas estreitas do centro da cidade até chegarem a uma casa das YPG, usada como ponto de trânsito de voluntários a caminho da Síria ou de regresso a casa. Era uma moradia discreta, sem nada que a distinguisse das outras. Tinha dois pisos, o térreo para os voluntários e o primeiro andar para os curdos. Assim que entrou, Mário Nunes conheceu o primeiro ocidental da sua aventura na Síria: o britânico Daniel M.¹. Os restantes ocupantes eram curdos que também se preparavam para atravessar a fronteira com a Síria.

Os dois passaram as horas seguintes na conversa. A sala de estar tinha três sofás, o chão estava coberto de carpetes que cobriam também o corredor que dava para três quartos, para a cozinha e para um pequeno quintal nas traseiras. Daniel M. tinha chegado na véspera. E nenhum dos dois sabia muito bem quando ou como iam sair dali. «Mais tarde ficámos a saber que havia quem lá tivesse estado uma semana», conta Mário Nunes.

O português e o britânico tentavam «matar» o tempo quando, ao final do dia, a porta da casa se abriu novamente para entrar mais um ocidental. Era Steven Gonzalez, um veterano da Força Aérea norte-americana, então com 49 anos, que tinha cumprido uma comissão no Iraque. «Assim que o vi, ele disse-me que era de Portugal. Fumámos um cigarro e começámos a falar para nos conhecermos melhor», conta o americano.² «Conversámos sobre os nossos países, amigos, família, os motivos por que ali estávamos. Ficámos contentes por nos conhecermos. Estávamos prontos para lutar.»

Na manhã seguinte, 11 de fevereiro, chegou o último membro do grupo que iria andar junto nas semanas seguintes: Robert Amos, um norte-americano de Charleston, na Virgínia Ocidental, então com 29 anos. Licenciado em História, em 2013 foi continuar os estudos

em Sociologia em Israel. No ano seguinte, decidiu interrompê-los para combater o EI. O seu percurso foi muito semelhante ao de Mário Nunes. «Vi as imagens na televisão e nos jornais sobre o que se passava em Mossul. Havia notícias de massacres e de pessoas a serem vendidas em mercados. Ao princípio achei um bocado exagerado, não sabia bem se aquilo era real. Mas quando vi as imagens de mortos e massacres nas montanhas Sinjar e percebi que ninguém fazia nada, senti que tinha de fazer alguma coisa... As YPG foram as únicas que os ajudaram», conta³. Contactou os Lions of Rojava, comprou um bilhete para Sulaymaniyah e foi levado para a mesma casa segura. «Estava lá o Mário e mais dois ocidentais. Perguntei o que se passava e eles disseram-me que não sabiam. Então deitei-me um bocado num colchão para tentar descansar da viagem», diz.

O americano estava a dormir há cerca de duas horas quando o curdo responsável pela casa apareceu a gritar «*Biçin Rojava, biçin Rojava.*» («Vamos para Rojava, vamos para Rojava.»). Os quatro ocidentais entraram para os carros que pararam à porta de casa e saíram da cidade rumo às montanhas. «Atravessámos uma série de *checkpoints*», lembra Steven Gonzalez. «Lembro-me de ver no caminho uma placa a dizer Mossul, o que na altura achei uma loucura. Claro que não havia ninguém a ir naquela direção», continua Robert Amos.

A viagem durou cerca de cinco horas. «Parámos no caminho para comer», diz Mário. O restaurante à beira da estrada estava cheio de famílias curdas, que não conseguiam evitar os olhares curiosos sobre o grupo de ocidentais. «Foi o último restaurante em que estivemos, foram todos muito educados connosco», diz Robert. «E foi uma refeição fabulosa de frango, pão, *dips*, sumo de limão e tudo o que eles lá têm. Lembro-me também que emprestei dinheiro ao Mário», ri-se.

De regresso aos carros, o grupo continuou em direção às montanhas. A paisagem tornou-se mais verde. «Pensei que aquilo me fazia lembrar a minha terra, por ser tão lindo», diz Robert Amos.

O esforço dos veículos para subir era tanto, que os ocupantes conseguiam sentir o cheiro da embraiagem a queimar. Até que chegaram a uma zona onde os automóveis não podiam avançar. Saíram e, seguindo as instruções do motorista, começaram a subir a pé. A certa altura tiveram mesmo de escalar uma zona rochosa. «O Mário levou a mala dele e a minha até chegarmos lá acima», recorda Steven Gonzalez. Depois desceram para um pequeno acampamento, onde entraram numa cabana e foram recebidos por vários elementos vestidos com uniforme militar.

Localizado no norte do Iraque, junto à fronteira com a Turquia e a Síria, perto do lago Dohuk, o acampamento instalado pelos curdos serve de refúgio aos guerrilheiros do Partido dos Trabalhadores do Curdistão (PKK) que lutam pela independência do Curdistão turco, e também como plataforma giratória para aqueles que chegam e que saem do conflito na Síria. Quando Mário, Robert, Steven e Daniel lá chegaram, conheceram um grupo de outros oito estrangeiros que aguardavam pelo dia em que iam atravessar a fronteira: um polaco, um russo, um francês, um norte-americano, dois ingleses, um arménio e um iraniano. «Alguns já lá estavam há um mês, sem fazer nada», diz o português. Robert Amos acredita que o tempo de espera tem outro objetivo: «Os curdos observavam-nos para verem se aguentávamos aquele ambiente.»

Mark Ramsey era um dos ocidentais que já estava nas montanhas quando o grupo de Mário Nunes apareceu. «Cheguei uma semana antes», recorda⁴. O britânico e o português tornaram-se bons amigos. Tal como Mário, Mark tinha uma parca experiência militar. Em 2009 tentara entrar no regimento de paraquedistas. Mas, ao fim de três meses, uma lesão excluiu-o. Um ano depois entrou para a reserva do mesmo regimento. No entanto, uma nova lesão levou-o a desistir.

Ele vivia nos arredores de Londres e trabalhava como pacote quando o EI conquistou Mossul. Tal como Mário Nunes, descobriu a página

dos Lions of Rojava e decidiu ajudar. «Senti que era a coisa mais correta a fazer naquelas circunstâncias», diz.

No acampamento, os estrangeiros ficaram todos no mesmo local: uma divisão com paredes de troncos de madeira, chão de cimento, um telhado coberto com colmo e um aquecedor de querosene ao centro. Só tinham energia durante algumas horas à noite, que usavam para carregar os telemóveis e ver filmes nos computadores portáteis. Dormiam no chão, com um cobertor por baixo e outro por cima. «À noite ouvíamos os chacais a uivar. Nunca vi nenhum, mas ouvíamos-los bem», diz Mark Ramsey.

Todas as manhãs eram acordados por um responsável do YPG que entrava na tenda e lhes dizia «*Roj bas, roj bas*» («Bom dia, bom dia.»). Levantavam-se, caminhavam cerca de 30 metros até um outro edifício que servia de sala de estar e cozinha, com bandeiras do PKK nas paredes e livros nas prateleiras. Como era dos poucos edifícios com energia todo o dia, fornecida por um gerador a combustível, havia sempre uma televisão ligada, por norma sintonizada num canal de música. «Chamávamos-lhe a MTV curda, estava o dia inteiro a dar videoclips de cantores curdos, com músicas de intervenção sobre a guerrilha», diz Mário Nunes.

Era lá que tomavam as refeições. Eram colocadas várias taças no chão e os voluntários partilhavam a comida que havia, que não era muita. «Havia ovos ao pequeno-almoço, carne talvez uma vez por semana, e tínhamos sopa», diz Robert Amos. «Em geral era boa», diz Mário Nunes. «E o pão tradicional, o *nan*, era fantástico. Podia durar uma semana, que estava bom para consumo. Tinham um bidão pela altura da cintura que estava cheio e era só tirar», continua.

A água era fornecida diretamente de um riacho nas montanhas. Retirada da nascente para um tanque, era aí aquecida com uma fogueira por baixo e depois transportada para as cabanas através de um sistema de manguerias unidas umas às outras. Era com ela

que tomavam banho e lavavam a roupa. «Foi a água mais límpida que já bebi», diz Mário Nunes. Não havia álcool, à exceção de uma garrafa de vinho levada por um dos estrangeiros. «Um dos tipos das YPG viu-a e disse-lhe que tínhamos de a beber na tenda. Foi o que fizemos», diz Steven Gonzalez. Mas nunca faltavam duas coisas: chá [*chai*, em curdo] e cigarros.

«Eles fumam que nem chaminés. Eu comecei a fumar nessa altura. Era uma forma de nos entretermos e nem tínhamos que comprar. Eles davam-nos cigarros de uma marca que era a Red Baron», conta o português. «A maior parte do tempo estávamos sentados a beber chá. Eles bebem depois do pequeno-almoço, depois do almoço, a meio da tarde, depois do jantar», acrescenta o norte-americano. O tédio era tanto que começaram a chamar a si próprios *chai boys*, numa espécie de homenagem depreciativa aos rapazes que, por serem muito jovens para combater, andavam pelo campo a distribuir chá pelos soldados. «Servia para ridicularizar a situação e ajudar o tempo a passar mais depressa», diz Mário Nunes.

Estiveram nesse campo cerca de uma semana. Choveu quase todos os dias e, em alguns, chegou mesmo a nevar. «Era o oposto do que pensamos do Iraque», diz Robert Amos. «Ir à casa de banho durante a noite era complicado, por causa do frio e porque eles não queriam que usássemos lanternas com receio de ataques da aviação turca. Estávamos sempre a ouvir aviões», completa o português. A lama era tanta que era impossível atravessar o acampamento sem sujar as botas.

Com muitas horas para preencher, acabaram por se conhecer bastante bem. Sentiram que não estavam sozinhos. «Muitos pensávamos que íamos ser os únicos, mas depois havia outros a chegar», conta Mark Ramsey. «As pessoas diziam-me que era maluco por ir para a Síria sem qualquer treino militar, mas ali encontrei pessoas como eu, que queriam ajudar outros seres humanos», continua Robert Amos.

O português pensava o mesmo: «Todos temos um dever para com o mundo. Eu senti que podia fazer a minha parte ao ser o primeiro português a combater na Síria e fazer com que outros se preocupassem ao verem um português a combater pelo lado certo e não pelo Estado Islâmico.»

Para Mário Nunes, aquele era também um corte com o passado. Tinha acabado a relação com a namorada e garantia não se importar com as consequências do que tinha feito. O estatuto de desertor da Força Aérea deu-lhe uma grande reputação. «Como não podia voltar a casa, chegou a dizer que ia passar o resto da vida no Curdistão e obter um novo passaporte quando fosse criado um país», recorda Robert Amos. «Lembro-me que as raparigas não conseguiam tirar os olhos de cima dele, e também de ele dizer que tinha saudades da família e dos amigos», acrescenta Steven Gonzalez. Entre jogos de cartas, as conversas iam invariavelmente parar às batalhas que todos esperavam que chegassem depressa. Alguns dos que já tinham experiência militar contavam aos outros como era estar em combate e comentavam rumores que tinham ouvido em casa. «Diziam que se matássemos um tipo do EI podíamos ficar com as coisas dele», diz o norte-americano.

Como forma de passar o tempo, alguns voluntários começaram a correr nas montanhas. «Os curdos não queriam que fôssemos demasiado longe, porque podia haver ataques turcos», conta Mark Ramsey. Outros dormiam grande parte do dia. Mas quando o grupo de Mário Nunes chegou, Daniel M., que tinha experiência militar, tentou dar algum treino básico aos que não tinham qualquer noção de combate numa área mais aberta do acampamento. «O Daniel fez-nos uma breve introdução sobre o que podíamos encontrar, a melhor forma de entrarmos nas casas, como fazer emboscadas», conta Mário Nunes. «Apareceu também um holandês, que tinha estado na Sérvia e no Kosovo em missões da ONU, e um tipo que era das forças especiais do Canadá», continua o português.

Enquanto os estrangeiros criavam laços, os curdos mantinham-se à distância. Para eles aquela era a sua realidade desde que tinham nascido. Respeitavam a coragem dos voluntários, mas não partilhavam do seu entusiasmo em ir para a guerra. Já viviam nela. Sabiam que, provavelmente, a morte era o seu destino. E, ao contrário dos ocidentais, não tinham pressa em lá chegar. «Sabíamos que a maré estava a mudar desde que o EI perdeu Kobani. Eles estavam a recuar e as YPG ajudaram nisso. Só queria chegar depressa para que as coisas não ficassem resolvidas antes de lá entrar», explica Mário Nunes.

Tratavam-se todos por *heval*, a palavra curda que significa «amigo» ou «pessoa cuja companhia se aprecia». E como não conseguiam pronunciar a maioria dos nomes ocidentais, os voluntários receberam um chamado «nome de guerra», uma tradição entre os guerrilheiros curdos para a sua identidade não ser conhecida. Por norma, estes nomes são atribuídos à chegada, depois de apresentarem o passaporte ao comandante do campo, pelos responsáveis que fazem o registo.

Mário Nunes passou a ser Kendal [desfiladeiro] Qahraman [herói, grande guerreiro]. Robert Amos tornou-se Rênas [um homem que sabe o caminho] Bakûr [norte do Curdistão]. Steven Gonzalez preferiu escolher o próprio nome e optou por «Cowboy». E Daniel M. passou a ser, durante algum tempo, Mor [palavra curda para cobra].

No início todos pensavam que essa nova identidade, quando lhes era atribuída, tinha um significado especial. Mesmo entre eles passaram a adotar o modo de tratamento escolhido pelos curdos. Mas depressa descobriram que não tinham nada de único. «Achava que tinha um nome original, mas assim que cheguei à unidade vi que havia lá outro Rênas. E Bakûr era apenas a zona de onde a rapariga que me registou era originária», conta Robert Amos. Aconteceu o mesmo com Mário Nunes e Mark Ramsey: «Quando falámos

dos nomes, disse que não conhecia nenhum e o tipo com quem falei disse-me “fica com Keleshin”. Era o nome dele e pareceu-me bem.»

Ainda assim, houve casos em que a escolha não foi pacífica. «Havia lá um russo a quem chamaram de Vassili por causa do *sniper* do filme *Inimigo às Portas*, que matou mais de cem soldados nazis na batalha de Estalinegrado. Mais tarde ele disse que não queria aquele nome e pediu para ser tratado por Frodo Baggins [personagem de *O Senhor dos Anéis*]. Quando descobriram que era de um filme disseram-lhe que não podia, e então ele pediu para ser o Peregrin Took, que era outro personagem, e ficou», recorda o norte-americano.

Ao fim de uma semana, Mário Nunes e os amigos receberam de uma comandante do campo a notícia que aguardavam. «Disse-nos para estarmos preparados, porque podíamos ir a qualquer momento», conta. Nessa mesma noite, o grupo de ocidentais foi surpreendido pela pergunta de um britânico com origens iranianas: «O que é que vocês acham de fazer a paz com o EI?». Durante alguns segundos todos se mantiveram em silêncio. Até que alguém lhe respondeu com outra pergunta: «O que queres dizer?» Ele replicou: «Bem, nós não vamos até ao fim, certo? Quer dizer, vamos ter que fazer a paz, não conseguimos derrotar completamente esta gente.» Foi o suficiente para gerar uma enorme discussão. Nenhum dos outros pensava em fazer a paz com terroristas.

Este homem era o mais problemático do grupo de ocidentais. «Ele chegou a Sulaymaniyah no mesmo avião que eu. Lembro-me de o ver e pensar que ele parecia um terrorista, nervoso e a suar. Passei pela segurança sem problema e cheguei à casa segura rapidamente. Ele apareceu à noite porque foi parado no aeroporto», diz Mark Ramsey. Quando chegaram ao acampamento, o britânico causou burburinho porque, ao contrário dos outros voluntários, não queria dizer ao comandante o verdadeiro nome. «Era um tipo esquivo», continua Mark Ramsey. Na bagagem levava ainda várias máscaras

do filme *V de Vingança*, usadas pelos Anonymous. «Mais tarde acabámos por saber que ele é uma espécie de génio da informática, mas que nunca disse a ninguém que esteve na Síria», lembra Robert Amos⁵.

Na noite da discussão acabaram por não viajar. O aviso foi uma partida pregada pelas raparigas do acampamento. Nem no outro dia. Até que, na madrugada seguinte, foram acordados por gritos de «*Biçin Rojava, biçin Rojava*» («Vamos para Rojava, vamos para Rojava.»). Agarraram nas malas, retiraram as baterias dos telemóveis como lhes foi pedido e começaram a longa descida a pé pela montanha. «Só um ou dois é que tinham lanterna, não se via nada à nossa frente», diz Mário Nunes. Junto à estrada tinham à espera inúmeros SUV⁶. «Eu, o Rênas e o Mário fomos num Toyota Shogun, com bancos de pele. Outros entraram em carrinhas *pick-up* de caixa aberta», lembra Mark Ramsey. Os veículos levaram-nos até ao rio Tigre. A Síria ficava na outra margem.

Ainda pararam durante o caminho para recolher mais soldados que estavam escondidos no mato. «Saímos do acampamento por volta da meia-noite e demorámos duas horas a chegar ao rio. Foi tudo muito bem programado, porque só podíamos atravessar àquela hora para que ninguém nos visse e nos alvejasse», descreve Steven Gonzalez.

Nas margens do Tigre, o YPG tinha botes semirrígidos que só transportavam sete ou oito soldados de cada vez. Fizeram várias viagens para levar toda a gente para a outra margem, onde estavam mais pessoas à espera da sua vez de atravessar. Ao todo, o grupo teria cerca de 30 elementos, entre voluntários estrangeiros e curdos. Assim que pôs os pés em terra, Mário Nunes ganhou consciência de que não havia caminho de regresso e pensou: «Agora é que vai começar.»

O QUE LEVA UM MILITAR PORTUGUÊS A ABANDONAR TUDO E TODOS PARA DEFENDER A VIDA DE DESCONHECIDOS? QUAL A VERDADEIRA HISTÓRIA POR DETRÁS DESTE HERÓI DOS NOSSOS TEMPOS? QUEM NOS DEFENDE DO ESTADO ISLÂMICO?

Estas e muitas outras questões são respondidas por Nuno Tiago Pinto, que de uma forma clara e rigorosa nos explica as verdadeiras motivações de Mário Nunes para lutar contra o Estado Islâmico.

O militar português nunca foi como os outros homens. Nunca se preocupou com trivialidades, nunca quis ter uma vida de luxos. Acreditava que «todos temos um dever para com o mundo». E, perante as notícias das atrocidades cometidas pelo Estado Islâmico, esse sentimento de dever falou mais alto: tomou a decisão de lutar pelos mais desprotegidos.

O altruísmo e a humildade de Mário Nunes marcaram todos os que conviveram com ele e este livro é um relato único sobre a sua pessoa. Mais do que isso, é uma oportunidade para compreender as razões que o levaram — e a muitos outros — a abandonar o conforto e a segurança dos seus países para lutar por um futuro melhor para todos nós.

«O que motivou Mário Nunes foi um imperativo moral, uma decisão ponderada contra uma barbaridade inqualificável (e o livro que vão ler tem tantas provas dessa consciência).

Dizem que a verdade é a primeira vítima da guerra. Mas são as pessoas.

A primeira virtude de *Heróis Contra o Terror* é conseguir caminhar com segurança, sem medo, na procura da verdade.»

in Prefácio de Rui Cardoso Martins

 <p>com todas as letras</p> <p>20 20 editora</p>	<p>ISBN 978-989-8849-82-3</p>  <p>9 789898 849823</p> <p>Temas Atuais</p>
--	--